



Concretos & Delirantes



A EDIÇÃO ORIGINAL DESTA OBRA
TEVE A TIRAGEM DE CENTO E CIN-
QUENTA EXEMPLARES, IMPRESSOS
NAS OFICINAS FASTPRINT GRÁFICA
E EDITORA, NUMERADOS E VENDI-
DOS SOB ENCOMENDA.

Exemplar nº.

ISBN 978-859039336-8
© 2008 DEMÔNIO NEGRO
Rua Aimberê, 597 - cj. 04
05018-010 - São Paulo - SP

EDITOR: VANDERLEY MENDONÇA
vanderleymeister@gmail.com

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

Concretos & Delirantes





TextOrigami para Vicente

Reei-lo, intimolhado da palarva, remergulhandando na liber-
dádiva com novo egofôlego. Constatuo que é normalgo para ele
querer quebradar poetabus e bolinalar a poazia. Antes de florá-la.

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte. Um sugamusas atrás
do verso, que ele encontraça mesmo em suausência. Sexyência
que só aprendensina quem apreende a sina.

E aqui, a pop-prosa é bailarina.

Balé de leros, esgrima de rimas, este é um livrelivro replexo de
faloácias, dedicantigas, concretitudes delirantes e deliramentos
concretos. Um livrolivre de vivaiais aplausíveis em que absinto
declarasons de tesamores e protuberânsias de reverbos.
Dupladosse corpoética em livrovivo, que letrasua pelos paporos e
falexala.

Abacadabra suas alas. Suas salas. Fale comele fala. Recebessa
bala.

Marcelo Sahea



concretos



a flor
celebra a deusa de todas as plantas ilumina
de vez minha cabeça tonta não peço às musas que me
dêem idéias peço a ti no fumar da tora feita das
folhas a que chamam ervas germina no meu peito
Flora

Flora
germina no meu peito folhas a que chamam ervas
feitas no fumar da tora peço a ti dêem idéias que
não peço às musas minha cabeça tonta ilumina de
vez as plantas de todas as deusas celebra Flora
a flor

incolores idéias verdes dormem
furiosamente verdes
furiosamente incolores
furiosamente verdes dormem
incolores
furiosamente idéias

para a frase-verso de Noam Chomsky
colorless green ideas sleep furiously
furiously sleep ideas green colorless

uivo depende do ponto de vista
pala depende do ponto de vista
mala depende do ponto de vista
ruiva depende do ponto de vista

rusa depende do ponto de vista
vaca depende do ponto de vista
prana depende do ponto de vista
uma depende do ponto de vista

depende do ponto de vista soco
depende do ponto de vista muco
depende do ponto de vista puto

depende do ponto de vista visgo
depende do ponto de vista tudo
tudo depende do ponto de vista

um sorriso para Saussure
nos anagramas

no barulho das pistolas
e dos tiroteios

o cientista louco da linguagem

o curso
a dama
desafiam Saussure para um duelo

num regime noturno
das entranhas
e das bebedeiras

Mobile/Stabile

cristalizada sobre a
fita magnética

será sempre a mesma música
tecnicamente fixada

eletrônica
resistirá ao tempo
única sobra

movimento
do aporte humano
sobre a sobra?

manobra retórica
Stabile/Mobile
ao inverso

para Lelo Nazário

o homem de Wolfsburg

o homem dos lobos e os lobisomens

uiva pelo clarinete

o _____
do homem

tecla do clarone

tecla do piano de cauda preparado
do piano de cauda preparado
piano de cauda preparado
de cauda preparado
cauda preparado
preparado?

) calda da menina ao lado?
ainda bem que não falta flauta no pedaço (

para Felix Wagner

um _____ cacto
apto para teu cabelo
_____ fátuo

basta ser seco
 pode ser a terra
) pedra seixo
 caco de vidro (
 pode ser asfalto duro

dura para atravessar a rua
 o asfalto sujo
 o chão do estacionamento

trilhos dos trens desativados
) trilho certo para atar a moça para o trem errante (
 aos pés da serra alta

uma única mocinha
 _____ rio grande na serra _____
 um projeto sob o Sol ardente

trilho quente
 asfalto quente

o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
 o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
 o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
 o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
 o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
 o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
 o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
 o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
 o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento

no jardim de pedra
do poeta zen as ervas
plena primavera

fumaça como nuvens
a chuva da fumaça nuvem faz crescer as ervas

o

S

serpente do poeta zen
insiste que se faça nelas

serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas
serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas
serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas
serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas
serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas

para Pedro Xisto

ei-la

**crucificada
no papel**

à beira de um colapso

despojada de tudo

ela

na noite nua

sobre a cruz

desmembrada no 

flux

para Augusto de Campos

marília **insiste** em ser digital
distende para pose na fotografia

depende do olhar apaixonado para ver a tara
assassina da tara na memória

dispenso

assassina do espaço-tempo

dis

o cenário infame sobra
termina antes do enquadro

marília
d e c l a r a s s e c o o l p (a d) a na fotografia
bondage & barefoot photo fantasies

pensei
coleccionador incomum

fon fon
 um boogie-woogie para marília
 em ritmo de salsa
 em ritmo de jazz
 escolhe uma peça do piano player para o computador tocar como se
 fosse pianola de corda
 para colon nancarrow música
 para mim mais uma musa para colocar nas letras da palavra
 literatura
 l i t e r) a (t u u u r a.....

o que cabe na literatura?

a música do piano player do piano preparado
 parece caixa de guardar as coisas
 um anel um brinco a bailarina ímã diante do espelho
 clássica
 dançará como isadora duncan
 grega
 literariamente dita
 escolhe uma parte da roupa que você não toca
 aquela peça que se repete sempre como se fosse piano de corda

fragmentada pelo fetichismo

p r e s e n t e n u m a p a r t e e x a t a a o

pé da letra

da palavra dita

em partes soletrada

ao fim da tarde em

divisão silábica

nas três sílabas da palavra mágica

dis

tra

í

da

virará vitrine no espaço público

saltaria as poças

desserioimundodesserioimundo

desserioimundo

desserioimundo

desserioimundodesserioimundo

a formosura se parece valsa
vergonha

sua

a quietude da noite te transforma em sonho

só pode ser alguma coisa

que se deu de dia

rememora passo a passo sua conduta

o azulejo frio

no meio da rua

caco

de vidro

pára

pisa na bituca de cigarro acesa

?

o desejo se espalha pelo centro da cidade na praça da república

a parte de cima do biquíni rosa a calça jeans

o pé descalço sujo

passoumpassarinhoazulpassoumpassarinhoazul
essárvoredafrentedasuacasaécheiadepassarinhoessárvor
olhaláolhaláolhaláolhaláolhaláolhaláolhaláolhaláolhalá
olhaolhaolhaolhaolhaolhaolhaolhaolhaolhaolhaolhaolha
quelindoquelindoquelindoquelindoquelindoquelindoquelindo
vocêñovaivervocêñovaivervocêñovaivervocêñovaiver
agorajáperdiagorajáperdiagorajáperdiagorajáperdiagorajá
elevaivoltarparaquelárvorelevaivoltarparaque



delirantes



a flor, celebra a deusa de todas as plantas
ilumina de vez minha cabeça tonta
não peço às musas, que me dêem idéias
peço a Ti, no fumar da tora
feita das folhas a que chamam ervas
germina no meu peito
Flora
entre os arvoredos
todos os matos para dar barato
semeia a nicotina e o tabaco
maconha, anis-verde, camomila
cultiva jardins de folhas de figueiras
frutifica figos, uvas, framboesas
cerejas, pêssegos e pêras
para saciar as fomes das fumadas
prolifera, Flora, subterraneamente

recebe Timothy Leary em Harvard
de onde vem a inspiração da química
a psilocibina e o cigarro

recebe Mingus
a cumbia e Dannie Richmond
tocando bateria

recebe Henry Miller
antes de tudo
trópico

recebe Pollock
action-painting
dripping

recebe Lois Lane
fazendo *striptease*
de biquíni azul
vermelho e branco

nacionalista I

o chá borbulha na chaleira
a borbular
o borbulhar do chá lá na chaleira
dabu dabu
faz o chá lá na chaleira a borbulhar
hachitataki
bate a tijela
bate a tijela para por o chá
hachitataki
bate tijela
dabu dabu ressoa
para por o chá
nembutsu, tua prece
hachitataki
nembutsu, para mote
hachitataki
hachitataki e o barulho
dabu dabu percute
hachitataki e o percussa
borbulha lá na chaleira
pelo casebre borbulha
onde há choro
há noite
nestas dez noites
noturnas

*um batuque para Buson
nacionalista II
também pelo casebre / onde há choro à noite / passa o hachitataki
ah! o chá / também diz dabu dabu / nestas dez noites*

esteja atento

pois ao longo do trajeto jato

periféricamente jorro

submarino é peixe de aço para índio burro

diante dos espelhos

Jonas na barriga da baleia ganha

a baleia mãe de Jonas e de suas manhas

parece tão complicado...

ouvir Webern e morrer

atabaques batem / atabaques atabaques / atabaques baques

assassino do momento que passa

assassina em tangas de miçangas e descalça

já mãe Iemanjá sob os estrobos dança

refletida na série

como se fosse música do século XX

permanece

a nave atravessa os rios de São Paulo com bandeira da peste içada

bare-feet parade like a foot fantasies by Franco Saudelli passa

cada qual com suas razões para seguir na praia, imerso na marola

no rádio toca Mobile / Stabile

Marcha sobre a cidade

e a Flor de plástico incinerada

fica ereto
vira Megatron
) nada a ver com o coração de aço
 só pensa no abraço da melhor amiga quando diz
 até mais tarde (
a letra H está na bomba monstro
 está na porta do banheiro para dar uns tiros
cada gata tem um ponto de interrogação
debaixo da cintura

se torna beastie boy
sampleia o berimbau
urra qual cachorro louco diante da vitrine
– o manequim é a mulher da hora –
clama pela curra
– qual Caim ou Jack –
atura alguma causa sem Lua, sem rua
só aurora

para Delmo Montenegro
nacionalista III

o tamanho do mundo
tem um metro e quarenta e cinco
barras assimétricas no sorriso

como?

bailarina de circo
dança sobre o cavalo na Grécia

para Daiane dos Santos
nacionalista IV

O banho turco

para Horácio Costa

Sempre me interessei pelo Banho Turco, de Ingres.
A herança clássica, a influência romântica
e o espírito científico do realismo,
numa produção vasta e polêmica –
da última vez que contei,
havia, pelo menos,
vinte e cinco mulheres no quadro.
Teriam sido dele, todas elas?
A moça do centro, que tange o alaúde
é a banhista de Valpinçon;
a que dança,
perto da percussionista negra,
é Angélica, no banho sem Rogério,
sem dragão e grifo
sem rochedo, livre;
livres as baronesas e madames
fora dos vestidos rosas e floridos.
Os biógrafos do pintor tendem a ver outros modelos,
Ingres tinha 83 anos quando fez a síntese,
guardadas de cor – quem sabe? –
desde os projetos aos 24 anos, no auto-retrato,
tempos atrás.
A capa escura – ainda está magro –
da tela ele sozinho olha para o espelho,
a tela já é desculpa para se despir
e ver as moças nuas.

Clube do Pico

para Caco Pontes

hoje eu tive uma idéia
dessas de deixar um homem rico
andando pela Zona Leste
vi em uma casa velha
vai ser lá o Clube do Pico

casa velha, suja, bem fodida
não precisa nada
sem cama, só colchão no chão
coberta e trapo
coisa de drogado

ponto de fazer função
dá pra fumar uns tapas
dá até pra esticar um tiro
no banheiro, na mesa, tanto faz
nada é escondido no Clube do Pico

começo sozinho, depois
vai chegando gente
só vai menina gostosa
só vai moleque bonito
menina beijando menina
vão lá no Clube do Pico

(pois no nosso clube
tem um quarto escuro
para quem tem sorte
nesse quarto escuro
tem picada forte)

a luz é lâmpada no teto
o som é rádio vagabundo
bebida? tem que trazer de casa
comida? tem que pedir pizza

mas cuidado, vai perder viagem
tem gente que entra, tem gente que não
cara de bermuda branca
feminista torpe
fumante passivo
essa moçada, não!

vai ser tão famoso, que se alguém perdido
perguntar na rua, onde fica a festa
a resposta é certa:
segunda à direita
siga sempre em frente
você dá de cara no Clube do Pico

Militância
(poema estudantil)

para Alessandra Lacerda

na assembléia ela se faz política
derruba os tiranos dos seus tronos
desmonta o aparelho da polícia

defende a opção pelo aborto
legalize já toda maconha
vamos por um fim na homofobia

abaixo o sectário e o burocrata
se liga, companheiro que incrimina
uma menina beijando outra menina

pôster de mulher pelada é machismo
quem come é a boceta e não o pinto
meter não é bem uma palavra exata

uma noite, porém, meteu comigo...

curiosa com o sadomasoquismo
pediu que lhe ensinasse a arte nobre

sou sua puta, me fode
sou sua puta, dizia

mas mesmo assim, não se esquecia
do feminismo... do feminismo... do feminismo...

hei, *hombre!*

hei, amigo!

por que você não faz alguma coisa
hombre?

mulher com mais de trinta
só pode ser contigo

faz alguma coisa, *hombre!*

hei, amigo!

a tequila, *hombre!*

mulher com mais de trinta, amigo!

desaparece no melhor da pose
a perna nua
exata quando tira a roupa

tem tanta coisa estranha acontecendo

ainda me lembro
sua mão na caixa do correio, longa
corpo aberto no espaço feito pipa

o céu está em super nova agora

um ditador cruel vai dominar o mundo

resta apenas um segundo
é agora ou nunca
pra mostrar a perna

um madrigal estranho na cidade
grande, a musa que prefere mini
saia, sem túnica, prefere a mini
blusa, prefere andar
descalça; madrigal urbano cor
de cinza, Sol a pino, canto de
buzina na cidade grande; a
sereia muda, escondida no
navio do argonauta
o argonauta bule te oferece o
braço, te oferece a asa, a xícara
de chá de erva do submarino...
submissa, Marília
a seriema voa pelo céu
azul? – anti-pavão – rosada nuvem
de chuva carregada, plúmbea e
cor de rosa – a sola
do pé cinza como a nuvem, o peito
do pé rosa como a nuvem, colapso
no tornozelo a encontrar a perna
sedutora – masoquista, Marília
a claridade quente
sobre o chão de pedra, o Sol a pino
e o barulho estridente das buzinas

3 fatorial !

para o poeta jurista Tomás Antonio Ganzaga

o descanso dos justos

São suas sobrinhas?
No fim da semana seguinte,
apareceram fotos dela mesma,
dentre sete, havia liberdade.

Apenas teria julgado as imagens colhidas pela rede,
ora os cabelos, ora as pernas da M.I.A.,
ela própria pedia para ver a Amy Winehouse em DVD.
Dava a entender que as meninas seriam novas demais...

boca em forma de V

V, de Vicente...
Ela lembra a Britney Spears antes de ficar gorda.
Perdi a boca na desculpa dada,
continua alegre e olhando para as pernas da moça.
As duas de vestido curto na fila do caixa,
a minha mais branquinha,
a Britney, menos.
Da mesma altura,
o mesmo esmalte vermelho,
pareciam tiradas da prateleira.
No caminho de casa,
os lábios diziam V, como nas máscaras da comédia.
A fileira dos dentes na horizontal,
a boca em forma de V,
é melhor do que olhar a vizinha através da janela.

mórbido silêncio

Dee Snider acaba de ser linchado por Robert Englund,
um bando raivosos de promotores
e donas de casa.
Meses depois fui entender
o capitão Howdy é o mesmo nome do amigo imaginário
da menina d'*O exorcista*.
A capa do DVD é o que há de melhor,
a moça não pode gritar por socorro,
a boca geme costurada na sutura simples.
Dá para ver furinhos ao redor dos lábios,
o capitão Howdy, via internet,
convida jovens desavisados para uma festa.
Não é sádico, nem masoquista,
só suspenso no rito da Dança do Sol
em busca do Grande Espírito.
Dança da Lua nos porões da danceteria SM,
o culto da Dor e o cara do Twisted Sister:
a Lua emplumada, o corvo no lugar da águia,
capitão Howdy colocando piercings na rapaziada.

baseado na desigualdade

SM sem medo é sem graça,
por isso o capitão Howdy é legal,
por isso a namorada maso é mais legal que o capitão.

De repente, a Britney entrou na padaria;
ela deve ser minha vizinha,
entrou justo na hora em que eu não tirava os olhos
dos pés de outra menina.

Nas dobras da saia indiana,
seria detestada por ela,
mas a Britney, não.
Pelo menos um número menor
no short jeans e na mini-blusa,
a padaria ficou em polvorosa.
Recita Bocage agora,
português da padaria!
O suco de acerola com laranja é sem açúcar,
quero só uma fatia de presunto
no meio do misto quente.

o universo para Marília

Logo na entrada,
as palmeiras surgiam rígidas
para ver Marília passar.
Disse que a estampa do vestido curto era cintilante,
que brilhava de noite feito luminoso,
como brilhou no escuro do planetário,
no Parque do Carmo.
A noite estrelada na velocidade da luz
e a explicação do paradoxo do espelho:
se viajar à velocidade da luz,
sua imagem some?

Espelhar-se consigo mesmo é uma fantasia ontológica;
na pior das hipóteses, uma fantasia esotérica;
bem antes de chegar na Lua,
Marília brilhava presa no vestido e me beijava a boca.

Na noite escura,
amada em seu amado transformada
através do espelho e da velocidade da luz,
nossas sombras vagariam como fantasmas
ao longo da história,
como Engels e as irmãs Burns;
através da galáxia, eu seria como Lenin
e as camaradas Nadejda Krupskaja
e Inessa Armand.

3 fatorial !

Eu crucificaria a Britney.
A Britney vizinha?
Tanto faz, parece com ela e pode não ser.
Antes seria minha,
flagelada como Jesus, com exagero;
Britney nas mãos de Chuck, matador de polícia.
Como?
Como o céu escuro vale pela dor e, as estrelas,
pelos picos de prazer na extensidade da dor;
tanto quanto for possível transformar a namorada sado,
ou quando você sorri
pendurada pelos pulsos.
No meu céu,
quase sempre coloco Gia Carangi entre duas ladras
- duas loiras -
enquanto ela me chupa o pau
e a vizinha fica olhando, amarrada no canto.
A vizinha como Dorothy, eu, como Ezra Pound,
Marília seria como Olga Rudge, não como Etta Place.

Cantiga da mocinha na Bienal de Arte de São Paulo

para Affonso Ávila e Paulo Ferraz

o que por aqui realça?
seria a tarde de valsa
na atitude da garça,
zonzá, o pássaro alça
vôo rasante, disfarça,
moça, o que quer que faça?
a obra de arte passa,
parece presa na sala
de visitas, tão sem graça;
a obra pretexto, a asa
flana, o arco sujo, a flecha
vara o coração assaz
aflito para ver as
partes que você mais mostra;
a morte da arte, em queda
meu olhar passeia, moça,
fixo nas barras das calças,
nexo, mirada de costas,
fruição nas plantas curiosas
que você machuca, corça,
quando se descalça, uvas
sobre o chocolate amargo
que você fratura, caça.

um fetiche
um objeto mágico
alguma parte separada para ser exata
apenas não se trata da figura da palavra que te vem à mente

não se trata disso
já não se divide
somente fixa
somente fixa
somente fixa

nostalgicamente
te remete aos tempos dos macacos
e às meninas de rua da Praça da República;
perambula, busca,
seja perspicaz pelo menos uma vez na vida
diante das pernas rígidas de algumas das meninas
e da maioria magra das malabaristas

às vezes
apenas a palavra basta

sua divisão silábica, sua tipografia
o que entoa na imaginação
miragem
por isso a volta do rosto
retorno para opor os olhos acima dos ombros:

ela ainda te espera lá, parada
descalçada e suja
por cima das sentenças

São Paulo, luz do Sol cora
vermelha – anoiteço
bandido da luz vermelha –
diante da porta
Camila só de camisola



ANTONIO VICENTE SERAPHIM PIETROFORTE nasceu em 1964, na cidade de São Paulo. É doutor em Semiótica pela Universidade de São Paulo - USP. Leciona no curso de pós-graduação em Semiótica e Lingüística Geral na mesma universidade. Tem publicados: *Semiótica visual - os percursos do olhar* (Contexto, 2004, reeditado em 2007); *Análise do texto visual - a construção da imagem* (Contexto, 2007); *Tópicos de semiótica - modelos teóricos e aplicações* (Annablume, 2008). Em 2007 escreveu *Amsterdã SM* (romance, DIX); *O retrato do artista enquanto foge* (poesias, DIX). Em 2008, publicou *Papéis convulsos* (contos, DIX); *Palavra quase muro* (poesias, Demônio Negro); *M(ai)S - antologia SadoMasoquista da Literatura Brasileira* (DIX), organizada com o escritor Glauco Mattoso. Exerce a função de conselheiro da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, na área de Literatura. Foi um dos organizadores do Festival Mantiqueira - Diálogos com a Literatura (30 de maio a 1 de junho de 2008); é um dos curadores do Prêmio São Paulo de Literatura 2008.